



“UMA OUTRA QUALQUER”: REFLEXÃO SOBRE AS HISTÓRIAS DA ENFERMAGEM[♦]

Luiz Antonio de Castro Santos[♦]

Resumo

Busca-se contribuir para o aperfeiçoamento do ensino e da pesquisa voltados para a disciplina e conteúdos da “História da Enfermagem”, e apontam-se alguns dos principais desafios ou obstáculos na formação histórico-social de mestres e doutores em Enfermagem. Sugere-se o caráter obrigatório da disciplina apenas para a pós-graduação.

Palavras Chave: História, História da Enfermagem; Educação em enfermagem

“JUST ANOTHER ONE”: A NOTE ON THE HISTORIES OF NURSING

Abstract

This note searches to contribute to the improvement of teaching and research in the history of Nursing in post-graduate, particularly doctoral, programs. The author suggests that research and teaching in the subject should no longer be required for undergraduate and professional programs in Nursing.

Keywords: History, Nursing History, Nursing Education

“UN OTRO CUALQUIER”: APUNTAMIENTO SOBRE LAS HISTORIAS DE ENFERMERÍA

Resumen

Intentase contribuir para el progreso del enseñanza y de las investigaciones en la historia (o más bien historias) de Enfermería, al tiempo que se apuntan algunos de los retos o obstáculos en la formación histórico-social de maestros y doctores en Enfermería. Se sugiere que la disciplina sea enseñada apenas en los cursos de postgrado.

Palabras claves: historia, historia de la Enfermería, Educación en Enfermería

“Uma frágil passarela improvisada sobre o abismo”⁽¹⁾

[♦] Os pontos de vista expressos na presente Reflexão não refletem, necessariamente, as posições da revista ou de integrantes de seu Conselho Editorial.

[♦] Professor Associado, Instituto de Medicina Social, Universidade do Estado do Rio de Janeiro. E-mail: lacs@ims.uerj.br.

Gostaria de iniciar com um caso divertido, em que fui um dos personagens. Há tempos, em um de nossos tantos fóruns de discussão, debate e troca de experiências pela Internet, alguém divulgou um pedido de sugestões bibliográficas para ministrar a disciplina de História de Enfermagem. Prontamente, como vários outros colegas, sugeri alguns itens obrigatórios de uma lista infelizmente muito reduzida, e tomei a liberdade de indagar se haveria também interesse em um ou outro trabalho de minha autoria, dedicados à pesquisa historiográfica no campo. A resposta veio em seguida: “Claro, **qualquer** trabalho será bem-vindo” (meu grifo). Então, logo me ocorreram as letras de canções de meu tempo de moço, que mencionavam “um molambo qualquer”, ou “nos braços de um outro qualquer”. Achei muita graça, enviei os trabalhos pelo fórum eletrônico e jamais vim a receber comentários a respeito de “qualquer” deles.

Além de divertido, o caso indica também, a meu ver, um problema provavelmente freqüente nos cursos de história da Enfermagem: a dificuldade de encontrarmos docentes de fato sintonizados com a matéria. Diferentemente das disciplinas técnicas e científicas que por décadas vêm formando as gerações de excelentes profissionais neste país, a historiografia da Enfermagem tem requisitos muito próprios e diferenciados em relação àquelas disciplinas. Sobretudo por exigir uma formação em pesquisa sócio-histórica sobre os processos de saúde-doença, de modo geral, e em pesquisa sobre temas e problemas da pouco conhecida história das profissões, de modo muito particular.

Mas ainda há outros obstáculos: primeiramente, o ensino da história da Enfermagem se adapta mal às fórmulas e técnicas didáticas mais usadas nos campos biomédicos, como o *data-show* e os casos clínicos. A **exposição**, pouco utilizada, tem um caráter fundamental, pois está em jogo o “modo de argumentar”, a transmissão de conhecimentos por meio de comparações e casos exemplares (que não é o mesmo que expor um “caso clínico”). Desses casos ou comparações, isto é, da análise inicialmente mais “colada” nos dados, brota a interpretação que dela, ou deles, se descola para buscar níveis de generalização. Esta retórica, por assim dizer, não é constitutiva da formação clássica – técnica e científica –, no campo biomédico. Propostas inovadoras, como a de integrar os caminhos de “teaching for clinical imagination” (o ensino direcionado à imaginação clínica) e “teaching for moral imagination” (a ênfase nas representações e julgamentos morais), defendida por Patrícia Benner e colegas da San Francisco School of Nursing, na Universidade da Califórnia, sugerem uma “transformação radical” diante das tarefas clássicas do raciocínio e julgamento clínicos⁽²⁾. Mas não resta dúvida de que a dualidade de discursos resistirá a transformações.

Em segundo lugar, e por certo em relação ao que já se disse, estamos diante de uma retórica da incerteza e da ambigüidade: por mais que os alunos assim esperem de seus mestres e da matéria exposta, não há relações de causalidade de caráter determinante (apesar da insistência, que decorre de certos modelos sociológicos, importados acriticamente pela Epidemiologia, em encontrar os famosos “determinantes sociais” da saúde), mas sim **condicionantes e contextos**; nem chegamos a conclusões unívocas, mas sim lutamos por elas – caminhando sobre “frágeis passarelas” – em busca de achados raramente definitivos e, sobretudo, novas indagações deles decorrentes. Está em questão toda a complexidade da “lógica da descoberta”, do cultivo de um jogo de imponderáveis, em que só o treinamento pode aumentar a habilidade dos jogadores. Como este cenário difere frontalmente de explicações científicas sobre a etiologia de uma doença parasitária ou da relação inequívoca entre vetor e hospedeiro^{1(3,4,5)}!

Em terceiro lugar, impõe-se a necessidade – que todos nós, pesquisadores da história da saúde e da enfermagem, temos de enfrentar -- de produzirmos textos moldados em bom estilo ou em estilo aceitável (a *leveza* e a *exatidão*, como utopias da escrita, prescrevia o grande escritor Ítalo Calvino)⁽¹⁾. Não é tarefa fácil, para aqueles entre nós familiarizados apenas com os caminhos equívocos das “quase-certezas” e do estilo duro do campo biomédico, condenados inadvertidamente à escrita mal costurada, pela pouca familiaridade com a retórica das ciências humanas. Na verdade, estamos sempre em permanente estado de frustração, mas não há como desistirmos do labor diário quase artesanal, dicionário aberto na tela do computador, manuais de escrita por perto para a consulta freqüente⁽⁶⁾. A palavra escrita, o texto elaborado sobre nossos temas, lembra Calvino, são “como uma frágil passarela improvisada sobre o abismo”^(1:90).

Podemos ignorar os desafios, cometer artigos precários e evadir os critérios dos pareceristas – e finalmente publicar! -- ainda que sujeitos, mais tarde, à crítica séria do bom resenhista. Mas, uma vez aceitos no mundo acadêmico, ainda que em “estado de graça”, os autores e seus textos precários incorrem em altos custos e levam a resultados sempre prejudiciais, tanto em relação à possibilidade de apreensão dos conteúdos e materiais da pesquisa histórica, quanto à própria análise dos fenômenos ou processos estudados e à interpretação histórica mais

¹ O livro sempre atual de Abraham Kaplan descreve habilmente a complexidade das lógicas da “descoberta”. Ver Kaplan, A. A conduta na pesquisa. São Paulo: Herder, 1969, pp. 16-20. Para uma discussão dos programas de investigação científica em parasitologia, ver Guillermo M. Denegri, Fundamentación epistemológica de la parasitología. Mar del Plata: Eudem, 2008. Consulte-se uma cuidadosa resenha da obra de Denegri, em Adauto Araújo e Fernando S. Passos Telles, “A parasitologia como exemplo da possibilidade de regras gerais para a ciência”, História Ciências Saúde – Manguinhos. Vol 17 (1) jan. março 2010, p. 211-214.

geral. A literatura publicada sobre a história, ou histórias, da Enfermagem, no Brasil, nem sempre escapa dessas armadilhas e não chega, por vezes, a produzir textos de boa qualidade.

Em pesquisa recente sobre os Grupos de Pesquisa registrados no CNPq, Maria Itayra Padilha e colegas (UFSC), relatam resultados preliminares e abrem perspectivas esperançosas sobre grupos que abrigam temas relacionados direta ou indiretamente à história da Enfermagem⁽⁷⁾; as autoras apontam a existência de grupos antigos e novos, sendo estes últimos, criados apenas na primeira década do milênio, em número de vinte. No entanto, os resultados já confirmam o que as publicações sobre o tema quase sempre prenunciam: “verifica-se [...] que não há uma rede de comunicação entre os grupos da mesma linha de pesquisa”^(7:1). À ausência de intercomunicação entre os grupos – que conduz à inexistência de um campo ativo e permanente de debates – se soma o reconhecimento de “limitações visíveis na produção científica [...] no que se refere aos estudos de natureza sócio-histórica”^(7:4). As autoras sugerem medidas de superação de tais limitações. Preliminarmente, aconselham “um incremento à interdisciplinaridade e também o fortalecimento de algumas linhas de pesquisa que sustentem o conhecimento em história da enfermagem brasileira”^(7:1). Esta é uma questão crucial e delicada, muito bem colocada pelas autoras. Gostaria de indicar outro aspecto: não se pode esperar um campo de debate genuíno e fermentador onde persistem querelas paroquiais e problemas de auto-estima institucional ou de identidades institucionais deterioradas, com ou sem razão. Refiro-me, é claro, às preocupações excessivas com “as origens primaciais” ou primazias históricas desta ou daquela instituição de ensino no campo, que levam a intermináveis entreveros – jamais a um debate sólido – sobre pontos menores. Voltarei a este tema mais adiante. O que gostaria de sugerir é que a superação de velhas rixas tribais criará condições para que o debate historiográfico – tão raro e ralo em não poucos simpósios de história da enfermagem – passe a operar de modo fecundo, como um estímulo aos espaços criativos de investigação histórica.

Impõe-se a necessidade de pesquisas sobre temas que dialoguem com publicações e linhas de investigação internacionais, em que se destacam os contextos históricos em suas relações com gênero, saúde, e sociedade; as concepções psicossociais ou sociopsicológicas da doença e do adoecer; o estigma e os processos identitários; os cuidados paliativos e a morte; a eficácia simbólica das formas de curar e cuidar; as representações sociais ou coletivas; a cooperação internacional em saúde e as políticas e programas nacionais; o olhar comparativo, em que o Brasil seja ponto de origem e linha de chegada para estudos sobre outros países ou regiões. Tudo isso, nunca será demais insistir, construído em formas ou moldes flexíveis, nos quais não cabem sectarismos metodológicos, hegemonias (supostamente) epistemológicas, ou personificações do

saber (a exemplo da atenção monocórdia a Bourdieu, Heidegger ou a um incerto Marx, para lembrar influências que, adotadas como se fossem “livro-texto”, acabam por varrer interpretações ou *insights* provindos de outras influências e contribuições). Os volumes da *History Review*, publicação da AAHN (Associação Norte-Americana de História da Enfermagem) são um convite a penetrarmos num denso panorama de temas e problemas, com incontáveis sugestões e desafios. O fato de associações como a citada manterem contatos estreitos com os simpósios e congressos voltados para a historiografia – cite-se a propósito a página da AAHN, com a chamada para a Conferência sobre História Urbana, na Bélgica – indica a diversidade da história da enfermagem em outros países e a recusa ao enquistamento, a congressos fechados ou monotemáticos. Pesquisas sobre linhas ou programas de investigação diversificados poderão aprofundar o estado transitório dos estudos brasileiros sobre o tema, pleno de conquistas, mas não menos afetado por problemas assinalados na presente reflexão. Atentar para a literatura internacional não é o mesmo que assistir a congressos internacionais. O importante é a leitura atenta de revistas internacionais e a publicação, no Brasil, de trabalhos que dialoguem ou reflitam com autores de correntes e “tribos” diversas. Publicar “no exterior”, como hoje em dia tanto se advoga, ou produzir dezenas de resumos em congressos, tampouco são os melhores caminhos²⁽⁸⁾.

Se quisermos assinalar a articulação do campo com os cursos de Graduação e Pós-graduação em Enfermagem, como fazem Maria Itayra Padilha e colegas, teremos de focalizar algumas questões adicionais. A meu ver, a disciplina de História da Enfermagem dificilmente trará resultados palpáveis para os alunos da Graduação. Em primeiro lugar, porque estamos diante de uma disciplina “indisciplinada”, pelas razões já expostas. Poder-se-ia argumentar que a grade curricular contempla outras “indisciplinas”, ministradas há algum tempo, como os tópicos de Introdução à Sociologia. No entanto, as diferenças são marcantes: fundamentalmente, para o ensino da Sociologia, à diferença do que ocorre com a História da Enfermagem, os conteúdos e perspectivas são bastante cristalizados no tempo. Em segundo lugar, e diferentemente do ocorre com o ensino da Enfermagem, os docentes de Sociologia não estão diante de retóricas ou discursos estranhos à sua formação, como já assinalamos antes. Não é demais frisar, a **história** da Enfermagem não é **constitutiva** do saber sobre o cuidar, mas um campo **de formação complementar**, ao contribuir para ampliar suas bases de conhecimento (como pontos de entrada

² Tirante os oportunos estágios prolongados no exterior (a exemplo de pós-doutorados), nem sempre a participação em congressos representa um convite à pesquisa e à publicação. Aliás, como dizia o poeta paulista José Paulo Paes, está talvez na difícil “arte de ficar em casa” a chave do drama da produção acadêmica na periferia. (Ver Francisco Alembert, “Dificuldade da forma, forma difícil”, in Maria de Lourdes Sekeff (org.), *Arte e culturas: estudos interdisciplinares*. São Paulo: Annablume: Fapesp, 2001).

e saída que se diferenciam da base de conhecimento, mas que “fazem uma boa combinação”), e um campo de formação **suplementar**, ao aprofundar bases cognitivas já existentes³⁽⁹⁾.

Um terceiro aspecto bastante desfavorável merece destaque especial. As publicações no campo da história da Enfermagem têm o selo de editoras fortemente sintonizadas com a literatura médica (Revinter, Guanabara Koogan, Águia Dourada, entre outras). A preocupação com a historiografia da Enfermagem deveria conduzir os alunos a uma maior familiaridade com editoras no campo das ciências humanas, de tal modo que o próprio “cardápio editorial”, ou o acervo de publicações, possam oferecer maiores opções à jovem leitora ou ao jovem leitor interessados em pesquisa histórica. Pensemos em editoras universitárias, como uma alternativa ao estreitamento de opções editoriais. Esse afunilamento traz consigo um problema correlato à natureza e pouca diversidade das questões discutidas no campo, a que aludi anteriormente. A meu ver, há pouca “formação” histórica --- não a in/formação que buscamos para os alunos – na polêmica sobre “quando-se-lançou-a-pedra-fundamental-da-enfermagem-no-país”. Salvo se, ao se falar de profissionalização, estiverem simultaneamente em jogo certas dimensões que remetam a temas e problemas da sociologia histórica das profissões ou da sociologia da ciência. Desde logo, considere-se a constituição do corpo docente, se constituído por médicos ou por enfermeiras desde os primeiros tempos; os requisitos curriculares, sua construção e abrangência; a organicidade e regularidade na formação das primeiras gerações diplomadas; a produção científica ou acadêmica inicial; a (in)existência de cooperação internacional, entre outros pontos para reflexão. Mas não deveria persistir entre nós a tendência, pouco enriquecedora para a formação dos alunos, sobre “prioridades” e “mitos de origem”. A propósito, apenas para ilustrar meu ponto, a discussão sobre a profissionalização da Sociologia brasileira teve percalços semelhantes quando se tornou tema candente – por pouco tempo –, no Rio de Janeiro, no final da década de 1960. Até então, tinha-se como indiscutível que os marcos iniciais de consagração da carreira acadêmica se haviam sedimentado em São Paulo, no início da década de 1930, na Faculdade de Filosofia da recém-fundada Universidade de São Paulo e na Escola Livre de Sociologia e Política. Florestan Fernandes estudara em ambas. Uma discussão inócua iniciou-se então no Rio de Janeiro, onde algumas vozes, das mais fortes daquele tempo, apontaram “equivocos” na tentativa de periodização, lembrando outros grandes nomes do pensamento sociológico brasileiro **anteriores** à geração de Florestan. Ora, a discussão era bastante

³ Para uma curiosa aventura pelo território da administração e do marketing, que utilizam tais conceitos (“increased breadth of knowledge” e “increased depth of knowledge”), ver Mette P. Knudsen, “Redundancy and Knowledge Sharing: Suggesting and Testing a New Empirical Construct”, Paper for presentation at: International Conference on Economics and Management of Networks. Budapest, September 2005. Ver particularmente p. 4.

improdutiva, pois ninguém negava tais prolegômenos, mas apenas afirmava-se e destacava-se a “fase sistemática” da Sociologia, só atingida naqueles cursos, pois “faziam escola”, formavam gerações de modo regular e consistente, estabeleciam laços estreitos com a produção científica em várias regiões do mundo. Ninguém negaria a existência de pioneiros, de um Manoel Bonfim ou um Gilberto Freyre – este produziu *Casa-Grande & Senzala* justamente nos primeiros anos dos cursos regulares! Assim, desejo sugerir que a distinção entre **manifestações pioneiras** e **institucionalização sistemática** é o ponto fundamental para pensarmos o que se passa na história das carreiras e profissões universitárias. Assim, ao tocarmos em tais pontos a partir de reflexões da sociologia da ciência ou da sociologia histórica das profissões, uma discussão corriqueira ou cediça passará a ter interesse e significado para estudantes de pós-graduação em Enfermagem.

Se o interesse pelos tópicos da história da Enfermagem vier a se cristalizar não como uma imposição curricular, mas como resultado do próprio alargamento do campo de visão na pós-graduação, acompanhado de um interesse amadurecido pela pesquisa histórica, os frutos serão muitos. O interesse pelos “vultos da Enfermagem” deixará o patamar de ritualismos e cerimoniais piaculares – por vezes rituais “vazios” -- para integrar-se, de modo produtivo, à reflexão sobre a relação entre a Enfermagem e os contextos histórico-sociais, e sobre o papel simbólico de tantas de suas lideranças, ontem e hoje. Na pós-graduação, haverá espaço e tempo para o amadurecimento do próprio instrumental ou capacitação para a pesquisa histórica original. Pode-se vislumbrar o amplo leque de possibilidades abertas a partir de certos requisitos. Um deles será, sem dúvida, a necessidade de que os alunos e alunas do mestrado ou doutorado se familiarizem não apenas com métodos, técnicas e processos da investigação histórica, mas possam ter acesso à “pesquisa em ato”, isto é, a alguns textos fundamentais. A título de mera ilustração, poderíamos pensar em algumas obras de referência fundamental, verdadeira “lição de casa” – ou lição de coisas, como diria o poeta – destinada à disciplina de história da Enfermagem para estudantes de mestrado e doutorado, finalmente livres de inserções curriculares prematuras na graduação. Quaisquer exercícios de imaginação sobre “livros ou leituras exemplares” correm o enorme risco de simplificar e passar receitas. Mas, se me for permitido sugerir ou indicar exemplos, citarei apenas quatro leituras que poderiam ser fortemente recomendadas, ano a ano – a guisa de exemplos, volto a reiterar. Primeiramente, dois textos de caráter ensaístico, de interpretação do Brasil, típicos da tradição da melhor história social em nosso país: refiro-me a *Raízes do Brasil*, de Sérgio Buarque de Holanda (1936)⁴⁽¹⁰⁾ e a *Nordeste*, de Gilberto Freyre (1937), próximos nas datas

⁴ Este, com a leitura obrigatória do Prefácio de Antonio Candido, “O significado de *Raízes do Brasil*”, imperdível.

de publicação e na grandeza da criação como estilo e como consecução, como obras que nos fazem “pensar o Brasil” como formação histórico-social. Em seguida, eu pensaria em dois textos voltados para a análise de temas mais circunscritos, um deles – *A formação do povo no complexo cafeeiro*, de Paula Beiguelman (1978) –, sobre a relação entre a economia do café, a política e os movimentos populares no Brasil, do fim do Império às décadas iniciais da Primeira República. Em segundo lugar, lembraria o livro recente (2002) de José Murilo de Carvalho, *Cidadania no Brasil – o longo caminho*, que nos coloca diante de um conceito fundamental da luta democrática, em que estão em jogo os direitos sociais, novas conquistas, descaminhos e desafios. Nos dois casos, trata-se de temas essenciais para a análise de tempos decisivos, na “longa duração” da história da saúde pública e da enfermagem no Brasil. É por acreditar no imenso valor da historiografia para o campo da Enfermagem, que procurei defender a posição aparentemente contraditória de que um caminho difícil só deve ser trilhado pelos que acreditam poder trilhá-lo... “Se não o credes, não vos mantereis firmes”. *Nisi credideritis, non intelligetis*⁽¹¹⁾. Acreditemos, pois, nas palavras do profeta.

REFERÊNCIAS:

1. Calvino I. Seis propostas para o próximo milênio. Tradução, Ivo Barroso. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.
2. Benner P et al. Educating nurses: A call for radical transformation. San Francisco: Jossey-Bass, 2010.
3. Kaplan, A. A conduta na pesquisa. São Paulo: Herder, 1969, pp. 16-20.
4. Guillermo M. Denegri, Fundamentación epistemológica de la parasitología. Mar del Plata: Eudem, 2008.
5. Aduino Araújo e Fernando S. Passos Telles, “A parasitologia como exemplo da possibilidade de regras gerais para a ciência”, *História Ciências Saúde – Manguinhos*. Vol 17 (1) jan. março 2010, p. 211-214.
6. Martins E, Manual de redação e escrita. São Paulo: “O Estado de São Paulo”, 1990.
7. Padilha MI, Borenstein MS, Carvalho MAL, Ferreira A. História da Enfermagem no Brasil: uma perspectiva a partir dos Grupos de Pesquisa. Versão preliminar, digitalizada. (s.d.).
8. Francisco Alembert, “Dificuldade da forma, forma difícil”, in Maria de Lourdes Sekeff (org.), *Arte e culturas: estudos interdisciplinares*. São Paulo: Annablume: Fapesp, 2001).

9. Knudsen MP. "Redundancy and Knowledge Sharing: Suggesting and Testing a New Empirical Construct", Paper for presentation at: International Conference on Economics and Management of Networks. Budapest, September 2005.
10. Holanda, SB. Raízes do Brasil. 26 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.